

COSENZA, Giuseppe. As estratégias terminológicas de Saussure. *ReVEL*, edição especial, vol. 20, n. 19, 2022. Tradução de Rafael Ferreira da Silva e José Juliano Moreira dos Santos [www.revel.inf.br]

AS ESTRATÉGIAS TERMINOLÓGICAS DE SAUSSURE¹

THE SAUSSURE'S TERMINOLOGICAL STRATEGIES

Giuseppe Cosenza²

cs.giuseppe@gmail.com

*Il y aura un jour un livre
spécial et très intéressant à écrire
sur le rôle du mot comme principal
perturbateur de la science des mots.
(F. de Saussure, 1891, Conferências)*

O percurso de pesquisa que segui neste trabalho se baseia em um assunto completamente oposto às visões anteriores sobre os termos técnicos de Saussure: não tem a ver com uma terminologia unívoca e unitária ou que tende para uma unidade, mas com tentativas terminológicas realizadas pelo linguista genebrino no decorrer de suas pesquisas.

Este tema condiciona tanto os princípios de classificação dos termos, quanto os critérios de classificação e, neste contexto, emergiu uma estrutura das terminologias de Saussure, organizada em vários níveis. Essa estrutura considera tanto os termos técnicos não saussurianos, quanto os que ainda estavam em processo de terminologização que ele tratava em suas pesquisas; tanto no campo da linguística, quanto em campos que hoje definiríamos, de modo geral, como pertencentes às ciências humanas.

¹ Texto traduzido do original de 2016, “*Le strategie terminologiche di Saussure*”, capítulo final de seu livro *Dalle parole ai termini: i percorsi di pensiero di F. de Saussure*. Alessandria: Edizioni dell’Orso, 2016. A **ReVEL** agradece a gentileza de Giuseppe Cosenza e da editora Edizioni dell’Orso por autorizarem a publicação desta tradução do texto para o português nesta edição especial (N. E.).

² Università della Calabria.

Nestas páginas conclusivas proponho algumas ideias para uma análise do que emerge das terminologias de Saussure tal como a estruturei. Mas antes de me aprofundar neste aspecto, é importante esclarecer um ponto: as terminologias que eu elaborei não são terminologias *de Saussure* (nas quais ele seria reconhecido), mas minha própria construção terminológica, baseada em alguns documentos saussurianos; sendo assim, ela não está completa, mas pretende ser no futuro. Estas observações podem parecer banais – qualquer trabalho desse tipo deixa vestígios de quem o fez, e não somente de quem é objeto dele – mas no caso saussuriano é necessário enfatizá-lo por diversos motivos:

1. não existe uma terminologia deixada por Saussure, somente algumas tímidas tentativas presentes em alguns documentos manuscritos;
2. não é possível determinar para todos os casos quais termos ele abandonou no percurso de suas pesquisas e quais deixou em suspenso, para talvez retomá-los mais tarde;
3. o estado atual dos manuscritos não permite determinar uma teoria que contemple Saussure plenamente, portanto, não há um ponto sólido sobre o qual se possa construir uma terminologia sua;
4. o estado atual das pesquisas sobre os documentos saussurianos não permite levar em consideração todos os seus documentos.

Estas limitações, que eu já sublinhei em vários pontos do texto, qualificam o meu acervo terminológico como extração dos termos técnicos utilizados por Saussure nos documentos que levei em consideração. Portanto, as conclusões que apresento aqui são relativas a esta dimensão específica do estudo sobre as terminologias de Saussure, de modo que apenas pesquisas futuras – especialmente graças ao trabalho ainda em andamento sobre os manuscritos – poderiam confirmar ou refutar (ainda que parcial e presumivelmente) as conclusões que proponho neste trabalho.

No acervo terminológico, destacam-se alguns aspectos relativos às técnicas terminológicas adotadas por Saussure; algumas surgem da mesma estrutura que eu dei ao acervo como, por exemplo, termos que pertencem a outras áreas do conhecimento, ou aqueles da linguística histórico-comparativa e da gramática clássica. Outros, porém, não são imediatamente perceptíveis e exigem uma operação sintética sobre os dados terminológicos presentes no acervo.

Em primeiro lugar, ressalto algumas características lexicais com as quais se apresentam os termos parcialmente trabalhados por Saussure:

1. a construção de neologismos³ em particular baseadas no grego (*apossème, contre-sôme, diachronie, sème, sémiologie, sôme, synchronie, syntagme* etc.);
2. a construção de novas formações dentro da própria língua (*signologie, unispacialité* etc.);
3. o uso técnico nem sempre definido de palavras que pertencem à linguagem comum (*arbitraire, sentiment, signe, signifiant, signifié* etc.).

Neste quadro variado de terminologia técnica, o problema principal é representado pelo último ponto desta lista, já que ao lado de seus usos técnicos coexistem usos não técnicos **do mesmo** apossema, mas já discuti no Capítulo 2 os princípios de classificação adotados para identificar os termos. A isso devemos acrescentar que nos documentos saussurianos encontramos usos técnicos em diversos níveis semânticos como no caso do apossema “synchronie”, presente em *Phonétique* e que não corresponde em nada à ‘sincronia’ dos cursos:

Dès qu'on ne considère qu'une partie de l'articulation, il faut faire une distinction entre temps effectif ou synchronie et temps ineffectif. Mais le temps effectif ou synchronie ne peut être défini qu'en fonction de l'articulation. C'est donc une base insoutenable. (Saussure 1995: 143).

Finalmente, em alguns casos, o uso de termos encontra um limite que está além da mera questão terminológica e, como tal, constitui uma limitação ao próprio uso de termos mais inovadores.

Estes aspectos, que em breve apresentarei com mais detalhes, dificultam o direcionamento dos percursos terminológicos de Saussure para uma estratégia unitária: pelo contrário, é possível identificar algumas trilhas preferenciais, algumas táticas predefinidas, dentro das quais alguns termos se desdobram. Voltarei minha atenção para esses aspectos específicos nesta conclusão.

³ Uso **neologismo** no sentido de novo termo, normalmente construído com base nas línguas clássicas, enquanto reservo **neoformação** para cada derivação cunhada dentro da própria língua segundo os mecanismos próprios dessa língua.

3.1 A atenção ao receptor

Início pela limitação mencionada acima, que eu chamo de *a atenção ao receptor*. De certa forma, já se sabia que Saussure, especialmente nas aulas e conferências, demonstrasse preocupação ao apresentar, em toda a sua complexidade, a reflexão que vinha realizando havia anos:

Je me trouve placé devant un dilemme: ou bien exposer le sujet dans toute sa complexité et avouer tous mes doutes, ce qui ne peut convenir pour un cours qui doit être matière à examen. Ou bien faire quelque chose de simplifié, mieux adapté à un auditoire d'étudiants qui ne sont pas linguistes. Mais à chaque pas je me trouve arrêté par des scrupules. Pour aboutir, il me faudrait des mois de méditation exclusive. (Entretien Gautier, em Gautier 2005 : 69)

Do ponto de vista terminológico, esta preocupação se traduz na presença de poucos neologismos no interior daqueles documentos referentes às aulas, artigos breves ou comunicações científicas, destinados a um grupo não especializado; enquanto, nos documentos nos quais é possível encontrar, ainda que apenas uma intenção de publicação científica destinada a um público especializado – como *ED*, as *Notes Item*, *Status et motus* e em parte *Phonétique* e *Lendas germânicas* – a presença de neologismos faz-se mais intensa.

A divisão cronológica dos documentos saussurianos adotada pela área terminológica C⁴ permite apreender melhor este aspecto, e para provar minha afirmação, proponho um confronto sobre a presença de neologismos entre os dois tipos de documentos diferenciados acima. Na primeira categoria de documentos podem-se incluir as **Conferências** genebrinas que, em se tratando das aulas inaugurais, foram provavelmente idealizadas por Saussure para um público mais amplo. Então, nas três conferências de novembro de 1891 não se encontra nenhum neologismo, mas o uso técnico dos termos por ele parcialmente trabalhados se limita – se se pode assim dizer – à redefinição de termos de outras disciplinas (filosofia *in primis*) e ao uso técnico de palavras comuns.

Em *La double essence du langage* – texto datado entre dezembro de 1891 e os primeiros meses de 1892, portanto logo após as conferências – são encontrados os seguintes neologismos: ***diachronique, épichronique, phonème, sémiologie, syntagme***.

⁴ Conforme Cosenza (2016), área terminológica C = tentativas terminológicas de Saussure (N.E.).

A mesma situação ocorre alguns anos depois, quando em meados de 1894, encontra-se nas notas Whitney um único neologismo, *sémiologie*⁵ e em *Status et motus*, mais ou menos do mesmo período, há *co-status*, *diachronique*, *motus*, *sémiologie*, *sémiologique*, *status*.

Mas o aspecto mais interessante da atenção ao receptor se dá no momento em que a sequência cronológica dos documentos se inverte em relação ao aumento de neologismos. Se para os casos anteriores os documentos examinados colocam-se segundo uma sucessão temporal na qual a relação entre o texto destinado ao público não especializado precede outros documentos, a relação entre os neologismos presentes nas *Notes Item* (1899-1903)⁶ e nos cursos de linguística geral (1907-1911) é invertida. No primeiro caso, há uma série de tentativas terminológicas – sobretudo ligadas às problemáticas do signo – enquanto nos cursos de linguística geral não há vestígios destes neologismos, aliás para alguns aspectos Saussure declina sobre a redefinição de palavras de uso comum.

Na tabela que segue, coloquei em paralelo os neologismos presentes nas *Notes Item* com aqueles dos três cursos:

<i>Notes Item</i>	Cursos de linguística geral		
	Primeiro	Segundo	Terceiro
<i>Anti-sôme, aposème, contre-sôme, diachronique, diathèse, diacosmie, idiosynchronie, idiosynchronique, parasème, parasôme, sème, sémisme, sémiologie, sôme, synchronisme, synchronique, synchroniquement</i>	<i>diachronique sémiologique synchronique</i>	<i>diachronique idiosynchronique synchronique sémiologie sémiologique syntagme</i>	<i>diachronie diachronique, sémiologie, sémiologique, synchronie synchronique, syntagme, syntagmatique</i>

Nos cursos de linguística geral, os neologismos aumentam progressivamente, mas nunca alcançam o nível das *Notes Item*, certamente no

⁵ As famosas notas Whitney (cote BGE Ms fr. 3951/10) não devem ser consideradas completamente dedicadas à carta que Saussure deveria ter enviado ao *The Whitney memorial meeting*, mas existem razões para acreditar que apenas uma pequena parte delas foram destinadas à esta carta. Como muitas vezes acontece, Saussure inspira-se numa oportunidade para fazer anotações sobre os diversos aspectos linguísticos que o atormentavam. Sobre a datação e fragmentação das notas Whitney, ver Gambarara 2008.

⁶ Trata-se de uma hipótese de datação e não de uma certeza; no entanto, todas as conjecturas são anteriores à minha, portanto não invalidam o que eu sustento. Para as referências e para alguns aspectos preliminares da datação das *Notes Item*, ver *1899-1903 Notes Item* do acervo terminológico.

caso das *Item* se trata de notas pessoais, e, portanto, não públicas, enquanto os segundos dizem respeito a uma exposição pública.

Há um caso semelhante em *Théorie des sonantes*. Os documentos publicados em 2002 por Maria Pia Marchese incluem a resenha crítica sobre *Kritik der Sonantentheorie*, de J. Schmidt (Saussure 1922: 539-540) e alguns manuscritos que contêm trechos que convergem posteriormente na resenha crítica e uma parte da reflexão saussuriana sobre fonética, fonologia, teoria da sílaba e teoria das sonantes. Embora na resenha crítica não falem alguns elementos de novidade que Saussure exhibe pela primeira vez neste texto – como a distinção entre *état de langue* e *événement phonétique*⁷ – muitos outros aspectos presentes nos manuscritos não aparecem no texto. Por exemplo, na resenha crítica, Saussure aponta para alguns aspectos ligados à sua concepção de fonologia e de teoria da sílaba, que nos manuscritos são tratados de modo mais detalhado:

D'abord, en fait, aucune formule un peu scientifique sur ce sujet ne pourrait être donnée sans commencer par avoir un théorie physiologique de la syllabe à peu près égal à sa tâche, ce qui n'est nullement le cas aujourd'hui: de sorte que les principes donnés sur l'indo-eur. ressembleront tous plus ou moins à celui-ci qu'un n doit par ex. être sonante s'il est 'entre deux consonnes'. (Saussure 1922: 540).

Parece que o linguista genebrino *não quer* introduzir muitas novidades que poderiam de algum modo comprometer a compreensão do texto. Acredito que o uso de alguns termos, sobretudo nas aulas de linguística geral, sejam frutos dessa abordagem. Por exemplo, o termo **linéaire** é de algum modo mais conveniente para evidenciar que o significante dos signos linguísticos se desenvolve ao longo de uma única dimensão, comparado ao equivalente **uni-spatialité**, sobre o qual Saussure havia refletido, distinguindo-o do **multispatial**. Ou a escolha de apresentar a sincronia e a diacronia mediante termos provenientes da física como **statique** e **dynamique**; mas também a escolha do oxímoro **image acoustique** ou **figure vocale** é mais fácil comparado a um tecnicismo que poderia ser **apôsème**.

A conclusão a que se pode chegar a partir destes dados é que a atenção ao receptor constitui um obstáculo à introdução dos neologismos por parte de Saussure; isso não quer dizer que em outros textos não possa ser encontrado um

⁷ Cf. 1895-1897 *Théorie des sonantes* do acervo terminológico.

bom número de neologismos, mas tal comportamento é condicionado pelo tipo de receptor ao qual o texto é destinado. Sobre a base dos dados terminológicos disponíveis, afirmo que quando Saussure escreve um texto destinado a um público especializado é mais fácil encontrar a introdução de neologismos, em contrapartida, se o público não é especializado, é mais provável que se encontrem menos neologismos e, conseqüentemente, um maior suporte em relação aos termos conhecidos pelo receptor pertencentes a outros campos de conhecimento e/ou à linguagem comum, então (re)definidos por Saussure com um sentido técnico. Este aspecto introduz o que considero ser a principal estratégia terminológica do linguista genebrino.

No confronto entre os neologismos das *Notes Item* e os cursos de linguística geral salta imediatamente aos olhos que os termos não presentes nos cursos dizem respeito, em sua maioria, a uma única problemática: a do signo. Enquanto os termos que giram em torno da questão temporal na linguística estão quase todos presentes. Um caso interessante é representado pelas terminologias relacionadas à estrutura teórica dos elementos do signo. No CLG, fiel às notas dos estudantes sobre este aspecto, percebe-se a hesitação que Saussure nutre em relação ao termo **signe** para indicar a totalidade do signo linguístico:

L'ambiguïté disparaîtrait si l'on désignait les trois notions ici en présence par des noms qui s'appellent les uns les autres tout en s'opposant. Nous proposons de conserver le mot signe pour designer le total, et de remplacer concept et image acoustique respectivement par signifié et signifiant; ces derniers termes ont l'avantage de marquer l'opposition qui les sépare soit entre eux, soit du total dont ils font partie. Quant a signe, si nous nous en contentons, c'est que nous ne savons par quoi le remplacer, la langue usuelle n'en suggérant aucun autre. (Saussure 2005: 99-100).

Sabe-se hoje que Saussure tinha à disposição um outro apossema para se referir à totalidade do signo linguístico, trata-se do **sème**. O termo está presente nas *Notes Item* e é usado por Saussure para se referir ao signo enquanto elemento linguístico de um sistema semiológico; neste ponto é importante questionar-se: tendo em vista as dúvidas que Saussure nutre em relação a **signe**, por que não adota **sème** para se referir ao signo entendido como união de significado e significante? O motivo, na minha opinião, deve ser buscado na estratégia dos microssistemas terminológicos adotada por Saussure.

3.2 Os microssistemas terminológicos

Nesta seção, irei argumentar, portanto, que a principal estratégia terminológica de Saussure é construir um microssistema de termos em torno de uma problemática, ou questão conceitual, cujo valor terminológico dos elementos é dado reciprocamente no interior do sistema.

O primeiro argumento diz respeito à existência destes microssistemas. As *Notes Item* constituem o exemplo mais evidente dessa estratégia, ligada sobretudo à problemática dos elementos do signo entendido semiologicamente. Sempre inerente às problemáticas do signo, os termos adotados por Saussure no terceiro curso constituem também um microssistema: ***signe, signifiant e signifié*** mantêm todos o mesmo morfema de base variando o sufixo; além disso, trata-se da definição técnica de palavras pertencentes à linguagem comum, o que atende a limitação sobre a atenção ao receptor.

Um segundo exemplo dessa abordagem refere-se à construção de um microssistema de termos referente à problemática temporal na linguística, que alcança o ápice na distinção entre ‘synchronie’ e ‘diachronie’ proposta por Saussure no terceiro curso de linguística geral. Mas desde 1891 (*ED*) Saussure introduz novos termos ligados a esta problemática. A técnica terminológica é suficientemente evidente, há o morfema principal *chron* que marca o fator tempo ao qual se juntam os prefixos para diferenciar entre eles os diversos aspectos: ***anachronie, anachronique, diachronie, diachronique, épichronique, idiosynchronie, idiosynchronique, panchronique, synchronie, synchronique***. Se levarmos em consideração o fato de que os adjetivos sempre precedem cronologicamente – em alguns aspectos também logicamente (v. § 3.3) – os substantivos, fica claro como o neologismo é construído, sobretudo por meio dos prefixos.

Outro exemplo é o que se refere às questões do estudo dos sons em linguística, por mais que neste caso específico a existência e o uso difundido de alguns termos na linguística do século XIX poderia fazer com que o microssistema aparecesse como um simples acréscimo àqueles já presentes ou de alguma forma já em uso. Refiro-me aos termos como ***phonétique, phonème, phonologie, phonisme*** etc.

O segundo argumento em defesa desta tese é que, onde falta um elemento, desaparece um microssistema completo. Para os microssistemas ligados a questões de fonética e fonologia é difícil compreender essas variações visto o estatuto incerto, enquanto que para os microssistemas do signo já aponte que no terceiro curso há a substituição de um microssistema por outro. Um caso específico ligado à terminologia do signo é o que encontramos nas *Notes Whitney*, em que na primeira parte Saussure adota o termo **signe** sem que haja um microssistema⁸ propriamente dito. No entanto, em um certo ponto parece que Saussure muda o registro de escrita e com isso a abordagem terminológica:

Des philosophes, des logiciens, des psychologues ont peut-être pu nous apprendre quel était le contrat fondamental entre l'idée et le symbole, en particulier entre [celle-ci et] un symbole indépendant qui la représente. Peut-être pouvons-nous dire: par symbole indépendant, nous entendons les catégories de symboles qui ont ce caractère capital de n'avoir aucune espèce de lien visible avec l'objet à désigner, et par conséquent de ne plus pouvoir en dépendre même indirectement dans In suite de leurs destinées. Par exemple, si je représente un homme par une figuration même grossière, mais si je le représente par le signe graphique x, ou par une figure vocale ἄνθρωπος. D'un autre côté, des historiens et des linguistes ont pu nous apprendre que le langage, (ce système particulier de symboles indépendants qui est le langage), n'est pas sans connaître les vicissitudes [] (Saussure 2002: 208-209).

Conforme Daniele Gambarara demonstrou, os manuscritos classificados sob a etiqueta *Notes Whitney* não se referem apenas à carta que Saussure teria enviado ao *Memorial Whitney*, mas também a reflexões sobre aspectos da linguística geral, provavelmente pensadas a partir de Whitney (cf. Gambarara 2008). É interessante, para os propósitos do que estou defendendo, como no trecho citado exista uma tentativa, certamente embrionária, de construir um microssistema em torno da questão do signo distinguindo **symbole** – a parte material que veicula uma ideia – do **symbole indépendant** – o que depois se tornará o 'signo arbitrário'. Nesta seção das notas, o termo **signe** desaparece e reaparece algumas páginas depois, nas quais desaparece **symbole**.

Recordo, mais uma vez, que se trata de um percurso de terminologização, e que essas observações podem servir para retrazar apenas algumas linhas preferenciais com o objetivo de estabelecer a estratégia terminológica de Saussure. De fato, para qualquer um dos casos apresentados é possível detectar alguns contra-exemplos, mas o problema é identificar algumas tendências que

⁸ Recordo que, em parte, trata-se de anotações para um texto comemorativo e não de um ensaio e que está sujeito à limitação da atenção ao receptor.

apresentam uma certa continuidade durante a reflexão saussuriana e, por isso, mostram uma certa inclinação para uma estratégia terminológica específica adotada por Saussure.

Retornando aos microssistemas terminológicos e a seu uso pontual nos textos saussurianos, um caso interessante é o dos termos ligados à questão temporal. Em geral, o microssistema é constituído por 2 ou 3 elementos de cada vez – comparados aos listados acima – dependendo dos aspectos considerados. Neste sentido, o microssistema é presente em *ED* e nos cursos de linguística geral, mas é ausente nas outras notas de linguística geral – única acepção é o termo ***idiosynchronie***, que aparece nas *Notes Item* apenas uma vez. Entre outras coisas, o caso do termo ***idiosynchronie*** é no mínimo curioso. De fato, Saussure declara no segundo curso que prefere este a ***synchronie***, mas o usa poucas vezes e apenas durante o curso de 1908-1909.

Outra variação do sistema terminológico ligada à questão temporal é a presente em *Status et motus*, na qual os termos que aparecem no título assumem respectivamente as questões sincrônicas e diacrônicas. Por outro lado, nos documentos em que este microssistema não está presente, a questão temporal permanece, mas se apresenta sob uma roupagem terminológica diferente: ***état de langue e événement, momentanée e successif***.

Essa postura, de introduzir uma série de termos ligados a uma certa problemática e depois abandoná-los integralmente ou ao menos variá-los em sua complexidade, é indício de uma estratégia terminológica que reflete, em parte, a ideia da *langue* como sistema de valores. Por exemplo, o termo ***sème*** é claramente ligado ao âmbito da ***sémiologie*** e indica as unidades dos sistemas semiológicos em geral; de ***sème***, Saussure deriva ***aposème*** e ***parasème***, que prefere aos termos ***sôme*** e ***contresôme***, visto que estes últimos se referem ao aspecto material imprescindível, que é ausente nas unidades semiológicas (cf. Lo Piparo, 2007). Neste sentido, o termo ***sème*** não pode ser adotado no lugar de ***signe linguistique***, enquanto este último é a unidade de um sistema semiológico particular e não deve ser confundida com a semiologia geral⁹.

⁹ Um aspecto que não pode ser desenvolvido neste trabalho diz respeito ao “glotocentrismo” da semiologia de Saussure. É evidente que o linguista genebrino está mais interessado nas línguas e, portanto, a um determinado sistema semiológico, o que não significa que este seja o modelo de todos os outros sistemas, mesmo considerando-o o mais complexo. Por outro lado, o mesmo Saussure estabelece que a semiologia é uma ciência em desenvolvimento, da qual é difícil prever os resultados (cf. *CLG/E* 280-290, em Saussure 1967-1974).

Neste ponto, a passagem do microssistema sobre o signo das *Notes Item* para o dos cursos é baseado exatamente no princípio da arbitrariedade dos signos linguísticos. À primeira vista, pode parecer no mínimo curioso que justo quem introduz a arbitrariedade dos signos se perca em tantas tentativas terminológicas que se parecem quase a problemas de nomenclatura; contudo, analisando melhor, é exatamente a arbitrariedade dos signos que leva Saussure a construir os microssistemas terminológicos ligados a uma problemática, comportamento que surge quando Saussure aponta que um termo é inapropriado:

Même un terme comme sôme (σωμα) deviendrait en très peu de temps, s'il avait la chance d'être adopté, synonyme de sème, auquel il veut être opposé. C'est ici que la terminologie linguistique paie son tribut à la vérité même que nous établissons comme fait d'observation.

Dans tout terme comme sôme au moins deux conditions prédisposent le mot à devenir = signe: 1° Coïncidence de la limite unispaciale. De sorte que quand même on veut dire par le sôme Zeus précisément le contraire du sème Zeus [], 2° Lors même qu'on dépouille un signe de son sens, toujours l'esprit met au moins dans le signe ou le sôme au moins l'INTENTION qui met les MUSCLES en mouvement et prouve ainsi une volonté, 3° Le sôme sera comme le cadavre divisible en parties organisées, ce qui est faux.

Item. Dans l'être organisé la fonction peut mourir sans que l'organe meure. Même le cadavre possède encore ses organes, ce qui est matière à la science anatomique. Dans le mot, il n'existe absolument rien d'anatomique, c'est-à-dire aucune différence de pièces fondée sur un rapport de la fonction et de la pièce qui jouait pour cette fonction, il n'existe qu'une suite de phonations entièrement semblables entre elles, en ce que rien n'était plus propre à constituer le poumon du mot que son pied. (Saussure 2002: 113).

A mesma técnica é adotada nos cursos, quando Saussure prefere **signe** a **symbole**:

C'est en considération de cette vérité fondamentale qu'il faut éviter d'employer le terme de symbole linguistique.

Le symbole n'est jamais complètement arbitraire, vide. Il y a au moins un rudiment d'idée entre le concept et le signe. Le symbole de la justice est la balance et ne pourrait point être impunément remplacé par une voiture. (J, CLG/E, 1136-1138, em Saussure 1967-1974).

Deste modo, seria inapropriado usar **symbole** como termo técnico, porque no uso comum e difundido **symbole** apresenta uma relação entre o objeto que funciona como símbolo e o conceito, razão pela qual o símbolo da justiça não pode ser uma *voiture*.

A diferença entre **sôme** e **symbole** é que no primeiro caso estamos diante de um neologismo, enquanto no segundo se trata de uma palavra já em uso na língua. De fato, no caso de **sôme** são os aspectos semânticos relacionados à etimologia do termo que podem comprometer o uso técnico específico, enquanto

para **symbole** são os aspectos semânticos relacionados ao uso que existem na língua francesa.

Neste sentido, a estratégia terminológica de Saussure é limitar até certo ponto as possíveis transformações que o termo pode sofrer quando imerso no curso da história, não apenas por meio da definição dos termos adotados, mas mediante a construção dos microssistemas nos quais a relação entre elementos dá força semântico-científica aos termos técnicos adotados.

Uma última observação sobre o termo **symbole**. Este apossema com valor de um termo semelhante ao signo linguístico dos cursos aparece apenas nas notas Whitney e em um breve trecho das lendas germânicas. No segundo caso, trata-se de um estudo sobre as lendas que tem entre as suas hipóteses a ideia de que lenda seja um conto simbolizado, portanto está em jogo o simbólico como tipologia semiológica de signos; enquanto o caso das notas Whitney é um caso isolado, em relação aos documentos examinados.

3.3 A Abstração hipostática em Saussure

Os dois aspectos descritos anteriormente, atenção ao receptor e microssistemas terminológicos, são até certo ponto pretendidos por Saussure, por pressuporem a priori uma certa reflexão sobre a utilização dos termos em seus mais diversos aspectos e contextos. A última característica que irei descrever resumidamente não evidencia este elemento de forte desejo; a fim de descrevê-lo melhor, poderia confiar no uso de **consciente** e **inconsciente** que Saussure faz em suas conferências: inconsciente não é não-consciente, mas pressupõe um certo nível de consciência que se mostra a posteriori e que só emerge após diversas tentativas, nem sempre realizadas de modo racional. Em suma, de certo modo, o que irei descrever resulta das questões abordadas e da tentativa de distinguir alguns aspectos que surgem nas diversas reflexões. Trata-se da tendência à **abstração hipostática** que surge das terminologias de Saussure.

Uso o termo **abstração hipostática** no sentido de Ch. S. Peirce, que pode ser sintetizado com as palavras de Fadda (2013):

Já na *New List*, Peirce (cp 1.549) tinha se dedicado a distinguir os diversos tipos de abstração. Em seguida, ele chegaria à dicotomia entre abstração precisiva e abstração hipostática. Poderíamos chamar a primeira “abstração a partir de” e a segunda “abstração de”. Tentaremos

explicar com um exemplo (o mesmo do artigo de 1867): se eu escolho um aquecedor sem me importar com a sua cor (e verificar quais características, por exemplo, independem disso), estou realizando uma abstração precisiva; se ao invés, eu abstraio uma característica (a cor preta) do aquecedor, eu a hipostatizo, isto é, faço dela algo independente de todas as coisas pretas possíveis, efetuo uma abstração hipostática, ou seja, crio algo que não existia antes (a cor preta) a partir de uma operação de abstração. A abstração hipostática parece o mais inócuo e banal dos procedimentos, mas – afirma Peirce – é o motor que impulsiona cada progresso do conhecimento. (Fadda, 2013: 79).

Deste modo, “abstração hipostática” é aquele processo que abstrai uma característica tornando-a independente do contexto da qual foi abstraída (e de *todo* contexto possível), constituindo-o como um objeto de conhecimento. Então, com o apoio de alguns exemplos mostrarei que tal processo é um movimento fundamental da reflexão de Saussure, e que a abordagem que dei ao acervo terminológico permite evidenciá-lo melhor. Já em um artigo de 2012 (Cosenza, 2012), destaquei um caso desse tipo em referência ao termo ***point de vue***, cuja presença maciça nos primeiros textos me levou a assinalá-lo com a seguinte observação:

Muito provavelmente, a concepção de que o ponto de vista cria o objeto da linguística e das suas diversas ramificações, talvez não tenha amadurecido antes das aulas de Genebra. No entanto, apontei deliberadamente a alta frequência de uso do termo no acervo científico. Esta frequência do uso no *Recueil* mostra uma certa implementação da noção por parte de Saussure, que provavelmente assumirá apenas posteriormente uma visão clara; mas desde os primeiros escritos mostra a sua importância ainda que apenas na operacionalidade metodológica mais que na sua nitidez conceitual: “*Toutefois, et ici nous indiquons le point de vue où nous nous plaçons*”. (REC 327) (Cosenza, 2012: 419).

O que não era claro para mim na época – e que após o trabalho terminológico aqui apresentado me fica evidente – é que o termo ***point de vue*** não deve ser buscado anacronicamente nos documentos anteriores, mas se trata de um movimento exatamente oposto. Isto é, o uso predominante do termo coloca em evidência a necessidade epistemológica de tratar as questões linguísticas somente no interior de uma certa perspectiva, visto que a medida em que esta varia, muda o objeto de estudo. Em outras palavras, não se trata do uso inconsciente de uma noção já clara, mas de esclarecer uma noção que é usada de modo inconsciente e em um sentido técnico não bem definido. O papel da *langue* como um processo de formação do pensamento-som, descrito teoricamente no capítulo sobre o valor do *CLG*, mostra-se, em casos como este, evidente pelo

modo com o qual o próprio Saussure pensa através das palavras. A palavra, neste sentido – permita-me a expressão – contempla mais o seu futuro que o seu passado. Isso não evidencia algo **já** definido, mas, em seu nascimento, dá vida à coisa.

Há muitos exemplos que colocam em evidência este movimento e que convergem para uma abstração hipostática em Saussure, e a minha representação das terminologias permite evidenciá-lo em relação a alguns trabalhos terminológicos anteriores. De modo particular me concentrarei em três exemplos que me parecem representativos de algumas tendências gerais:

1. o caso da passagem abstrata de adjetivos a substantivos: ***synchronique*** → ***synchronie***;
2. o caso da **singularização** dos aspectos que pertencem a uma multiplicidade: ***les langues*** → ***la langue***;
3. hipostatização para trechos discretos: ***parler*** → ***discursif*** → ***discours*** → ***parole***;

Os termos ***diachronie*** e ***synchronie*** estão presentes como tais – ou seja, como substantivos – apenas no terceiro curso de linguística geral, enquanto em todos os outros documentos eles aparecem como adjetivos ***diachronique*** e ***synchronique***, assim como todas as tentativas concernentes a esta problemática. Este aspecto não está presente no *LTS* de Engler e influenciou também o índice terminológico dos *ELG*, no qual se encontram apenas os substantivos, apesar do fato de que no texto estejam presentes apenas os adjetivos (v.§ 1.3.3).

Do ponto de vista terminológico, os adjetivos são úteis para classificar no plano descritivo algumas características do estudo da linguagem e das línguas, mas a transição para o substantivo institui um novo objeto no plano cognitivo. Durante o terceiro curso, no qual Saussure introduz ***diachronie*** e ***synchronie***, enfatiza a necessidade de instituir ordens diferentes e não apenas caracterizar tais ordens:

La grammaire traditionnelle ne s'est occupée que de faits statiques ; la linguistique nous a révélé tout le côté historique de la langue. Elle nous a fait connaître un nouvel ordre de faits; mais ce que nous disons: ce n'est que l'opposition des deux ordres qui est féconde comme point de vue. Il ne faut pas en rester à constater qu'il y a des faits évolutifs et des faits statiques. Il y a lieu de les séparer afin d'en voir complètement le contraste. C'est à quoi nous arrivons.

On ne conteste pas existence des deux ordres, mais on ne les oppose pas suffisamment. <Il y a un certain nombre de termes à peu près synonymes sur lesquels on peut se mettre d'accord> En gros, histoire, nous l'appellerons [335] d'un mot plus précis (évolution, altération), et on peut proposer aussi le terme de faits diachroniques (faits se passant à travers le temps).

Diachronie = période se passant à travers le temps.

Cette période <(ordre)> est <principalement> caractérisée par le fait qu'on se trouve en présence de faits successifs.

D'autre part, il y a des états de <langues> faits qui sont des équilibres (équilibres déterminés des termes et des valeurs placés dans un certain rapport). Ces termes sont forcément contemporains <(coexistants)> et ils composent des synchronies. On est en face de termes coexistants et non plus des faits successifs. On ne peut mener de front les deux disciplines. (G-MIII, em Saussure 2006: 261).

Outro exemplo, que nos cursos de linguística geral encontra uma hipostatização é **la langue** em oposição a **les langues**. Embora em muitos outros documentos Saussure trate os aspectos gerais das diversas línguas, é apenas nos cursos que o objeto de estudo **langue** torna-se independente das diversas manifestações. Independente, aqui, não quer dizer que **la langue** possa ser estudada separada das diversas línguas, mas que resulta da **abstração de** – de fato, uma abstração hipostática. O espelho dessa atitude é a abordagem dada no terceiro curso de linguística geral:

Divisions générales du cours:

1°) Les langues, 2°) La langue, 3°) Faculté et exercice du langage chez les individus. Sans séparer immédiatement les mots de langue et de langage, où trouvons-nous le phénomène concret, <complet>, intégral de la langue ou du langage? c'est-à-dire, où trouvons-nous l'objet devant lequel nous avons à nous placer avec tous ses caractères provisoirement contenus en lui et non analysés? C'est une difficulté qui n'existe pas dans telle ou telle autre discipline de ne pas avoir devant [11] soi la matière devant laquelle on doit se placer. Ce serait une erreur de croire que c'est en prenant ce qu'il y a de plus général qu'on aura cet objet intégral, complet. L'opération de généralisation suppose justement l'abstraction, suppose qu'on a déjà pénétré dans l'objet à étudier de manière à en tirer ce qu'on déclare être ses traits généraux. Ce qu'il y a de général dans le langage, ce ne sera pas ce que nous cherchons, c'est-à-dire l'objet immédiatement donné. Mais il ne faut pas se mettre non plus devant quelque chose de partiel. (ivi: 87).

Este aspecto do estudo geral da *langue*, diferente das línguas, está presente em outros documentos de linguística geral – isso é evidente nas *Notes Whitney*, por exemplo – apesar de não tão evidente como nos cursos de linguística geral.

Outro exemplo relacionado ao processo de abstração hipostática é aquele de **parole** enquanto distinta de **langue**. Desde as *Conferências genebrinas*, Saussure está ciente em alguma medida da distinção...

Ainsi se fait que nous ne surprenons, on peut le dire, nulle part une langue qui nous apparaisse comme géographiquement une et identique; tout idiome que l'on peut citer n'est généralement qu'une des multiples formes géographiques sous lesquelles se présente le même parler dans une région un peu étendue. (Saussure 2002: 167).

... e nas *Notes Item*, o papel e a importância da 'parole' é destacado dos termos **discours** e **discursif** que em alguns casos envolve o termo **parole**:

Tandis qu'il faut une analyse pour fixer les éléments du mot, le mot lui-même ne résulte pas de l'analyse de la phrase. Car la phrase n'existe que dans la parole, dans la langue discursive, tandis que le mot est une unité vivant en dehors de tout discours dans le trésor mental. (Saussure 2002: 117)

No entanto, o processo de abstração que leva à hipostatização do objeto 'parole' se completa apenas nos cursos de linguística geral. No primeiro curso, ela é apresentada na perspectiva do sujeito falante:

De ces deux sphères la sphère parole est la plus sociale, l'autre est la plus complètement individuelle. La langue est le réservoir individuel; tout ce qui entre dans la langue, c'est-à-dire dans la tête, est individuel. Du côté interne (sphère langue) il n'y a jamais préméditation ni même de méditation, de réflexion sur les formes, en dehors de l'acte, <de l'occasion> de la parole, sauf une activité inconsciente, presque passive, en tous cas non créatrice: l'activité de classement. Si tout ce qui se produit de nouveau s'est créé à l'occasion du discours c'est dire en même temps que c'est du côté social du langage que tout se passe. D'autre <part> il suffira de prendre la somme des trésors de langue individuels pour avoir la langue. Tout ce que l'on considère en effet dans la sphère intérieure de l'individu est toujours social parce que rien n'y a pénétré qui <ne soit> d'abord <consacre par l'usage> de tous dans la sphère extérieure de la parole. (KI, em Saussure 1996: 65).

Mas a passagem completa se tem apenas no segundo curso:

*Donc c'est un système extrêmement multiple par le nombre des pièces qui le mettent en jeu.
<Définition.> Donc la langue est: un ensemble de conventions nécessaires adoptées par le corps social pour permettre l'usage de la faculté du langage chez les individus. La faculté du langage est un fait distinct de la langue mais qui ne peut s'exercer sans elle.
<Définition.> Par la parole on désigne l'acte de l'individu réalisant sa faculté au moyen de la convention sociale qui est la langue. Dans la parole il y a une idée <de> réalisation de ce qui est permis par la convention sociale. (KII, em Saussure 1997: 4).*

Os três caminhos terminológicos de Saussure – atenção ao receptor, microsistemas terminológicos e abstração hipostática – que eu apresentei nesta conclusão, operam juntos constantemente no interior da reflexão do linguista genebrino; é claro que estes se apresentam em diversos tons e com várias tonalidades dependendo do caso, mas só foi possível rastreá-los graças à

estrutura que dei à representação das terminologias de Saussure. A articulação totalmente excepcional que adotei para a representação dos usos técnicos presentes nos documentos saussurianos nos permite manter juntos o particular e o geral; de um lado, temos uma visão geral das terminologias de Saussure, do outro, destacamos as diferenças particulares entre os diversos termos parcialmente trabalhados pelo pai da linguística.

Para concluir, devo apenas sublinhar um aspecto peculiar das terminologias de Saussure: a inevitável incompletude. Incompletude não apenas (e não somente) pela morte súbita que levou Saussure aos 57 anos, mas sobretudo pelos aspectos terminológicos que tentou manter unidos: **um sistema terminológico que evidenciasse minuciosamente os diversos aspectos linguísticos e ao mesmo tempo limitasse a arbitrariedade com uma dose de atenção ao receptor**. Estes aspectos aparecem hoje, cem anos após a sua morte, como uma tentativa no limite das capacidades humanas. Neste sentido, o estruturalismo não traiu Saussure, mas somente aproveitou algumas abstrações fruto de um percurso não inteiramente concluído, das linhas diretrizes que não haviam exaurido sua força inovadora.

REFERÊNCIAS

COSENZA, Giuseppe. Le parole polirematiche: il caso della terminologia saussuriana. *Bollettino filosofico*, n. XXVI, 2012.

FADDA, Emanuele. *Peirce*. Roma: Carocci, 2013.

GAMBARARA, Daniele. Ordre graphique et ordre théorique. Présentation de F. de Saussure, Ms. fr. 3951/10. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 60, 2008.

GAUTIER, Léopold. Entretien avec M. de Saussure, 6 mai 1911. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 58, 2005.

LO PIPARO, Franco. Saussure et les grecs. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 60, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*. Bally, Charles et Gautier, Léopold (a cura di). Genève : Sonor; Lausanne : Payot; Heidelberg: C. Winter, 1922. [ristampa Slatkine 2011].

SAUSSURE, Ferdinand de. *Phonétique. Il manoscritto di Harvard Houghton Library bMS Fr 266 (8)*. Marchese, Maria Pia (a cura di). Padova: Unipress, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Théorie des sonantes. Il manoscritto di Ginevra BPU Ms. fr. 3955/1*. Marchese, Maria Pia (a cura di). Padova: Unipress, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Premier cours de linguistique générale (1907)*. D'après les cahiers d'Albert Riedlinger, Komatsu Eisuke (a cura di), Oxford, Pergamon (trad. in. a fronte Wolf George (a cura di), Saussure's first course of lectures on general linguistics (1907). From the notebooks of Albert Riedlinger), 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Deuxième cours de linguistique générale (1908-1909)*. D'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois, Komatsu Eisuke (a cura di), Oxford, Pergamon (trad. in. a fronte Wolf George (a cura di), Saussure's second course of lectures on general linguistics (1908-1909). From the notebooks of Albert Riedlinger and Charles Patois), 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Troisième cours de linguistique générale (1910-1911)*. D'après les cahiers d'Emile Constantin, Komatsu Eisuke (a cura di), Oxford, Pergamon (trad. in. a fronte Harris Roy (a cura di), Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910- 1911). From the notebooks of Emile Constantin), 1993.

SAUSSURE, Ferdinand de. Notes préparatoires pour le cours de linguistique générale 1910-1911. Gambarara, Daniele (a cura di). *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 58, p. 83-289, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. Emile Constantin. Linguistique générale cours de M. le professeur De Saussure 1910-1911. Gambarara, Daniele; Mejía Quijano, Claudia (a cura di). *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 58, . 83- 289, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Publié par Charles Bally et Albert Secheyave avec la collaboration de Albert Riedlinger. Lausanne-Paris: Payot, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1967-1974.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Écrits de linguistique générale*. Textes établis et édités par Simon Bouquet et Rudolf Engler avec la collaboration de Antoinette Weil. Paris : Gallimard, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Science du langage. De la double essence du langage et autres documents du ms. BGE Arch. de Saussure 372*. Édition critique partielle mais raisonnée et augmentée des Écrits de linguistique générale établi par René Amacker. Genève: Droz, 2011.